

## MERCADO DE TRABALHO EM JORNALISMO NO ES: UM TERRITÓRIO DE DISPUTAS E CONTRADIÇÕES

Debora Sonegheti Bonicegna <sup>1</sup>

Orientador: Prof<sup>o</sup>. Dr<sup>o</sup>. Rafael Bellan Rodrigues de Souza <sup>2</sup>

### RESUMO

A partir da teoria do jornalismo de Genro Filho (1987) e do contexto da nova morfologia do trabalho (Antunes, 2005), este artigo apresenta características e perspectivas do mercado de trabalho em jornalismo no Espírito Santo. Com base em treze entrevistas realizadas com gestores em veículos de comunicação, entidades públicas, empresas privadas e organizações não-governamentais no estado, os resultados da pesquisa apontam para um território de disputas e contradições; disputas, pois coloca o trabalhador numa posição de constante competição tanto com colegas jornalistas quanto com outros profissionais por quem é o mais capacitado, atualizado e adaptado à nova configuração da profissão; contradições, pois afasta o jornalista do fazer e da ética originais da profissão, gerando um processo de reificação e estranhamento.

**Palavras-chave:** Jornalismo, Comunicação e trabalho, Mercado de trabalho

### INTRODUÇÃO

Este artigo reúne perspectivas e reflexões sobre o mercado de trabalho em jornalismo geradas a partir de uma pesquisa de maior escopo, cujo corpus empírico inclui treze entrevistas realizadas com gestores em veículos de comunicação, entidades públicas, empresas privadas e organizações não-governamentais no Espírito Santo. O estudo aborda as transformações que têm impactado as condições de trabalho dos jornalistas e as oportunidades no mercado formal de emprego, a precarização do trabalho jornalístico e a reconfiguração das funções jornalísticas, influenciados pela lógica da nova economia e pelas crises do capitalismo.

Neste texto, nosso objetivo é destacar um recorte das entrevistas, em que os gestores e líderes participantes apontam suas visões pessoais acerca do mercado investigado. São opiniões que permitem delinear aspectos do território que impactam diretamente na empregabilidade e nas rotinas dos trabalhadores.

Os resultados apontam que os jornalistas capixabas têm buscado alternativas fora da mídia, como assessorias de imprensa, agências de publicidade e empresas de outros setores, embora muitas dessas vagas não exijam habilidades estritamente jornalísticas, realidade que se assemelha aos dados apontados pelas pesquisas a nível nacional.

---

1 Mestre em Comunicação e Territorialidades, UFES, [deborasonegheti@gmail.com](mailto:deborasonegheti@gmail.com);

2 Professor orientador: Rafael Bellan Rodrigues de Souza, POSCOM-UFES, [bellanrafael@gmail.com](mailto:bellanrafael@gmail.com).

Adotamos uma perspectiva materialista-histórica, por isso, a avaliação das entrevistas não foi feita de forma isolada, sem a conexão dos resultados obtidos com a totalidade, ou seja, partimos da aparência fenomênica para chegar à essência (NETTO, 2011).

O artigo contextualiza a compreensão da pesquisa sobre o que é o trabalho do jornalista e o que chamamos de “crise de identidade” da profissão, para em seguida destacar e analisar os trechos e apontamentos dos entrevistados que contribuem não só para uma cartografia do mercado de trabalho investigado, mas para a compreensão dos desafios que as novas exigências e funções impostas ao jornalista representam para o trabalhador, especialmente no que diz respeito à identidade profissional.

Compreendemos o jornalismo como mais do que um conjunto de práticas ou normas éticas, mas como atividade que produz uma forma específica de conhecimento, distinta pelo seu compromisso com a singularidade e pela relação dialética entre o particular e o universal (Genro Filho, 1987). Nem todo conteúdo produzido e distribuído, mesmo o que em forma e técnica possa se assemelhar da notícia, é jornalismo. Como dito por Pontes (2017, p.178), ao jornalista não cabe a reprodução superficial da realidade sem considerar analítica e criticamente quais mediações engendram o fato social, quais mediações condicionam as consequências desses fatos sociais e mobilizam o próprio fazer do jornalismo.

É partindo desse cenário conceitual que traremos alguns dos resultados alcançados na pesquisa realizada com empregadores do mercado de trabalho do Espírito Santo, escolhidos de forma a representar o cenário capixaba de empregabilidade para jornalistas.

## RESULTADOS

Para desvendar as particularidades do território, além das perguntas estruturadas, decidimos pedir também uma contribuição livre dos entrevistados com o intuito de deixá-los mais à vontade para pontuar suas percepções. Nesse momento das entrevistas, recorte que escolhemos para este artigo, percebemos que surgiram comentários descolados da postura corporativa de representante da empresa. Alguns expandiram questões já abordadas nas perguntas do roteiro, trazendo até informações de experiências anteriores de trabalho, enquanto outros trouxeram suas angústias e preocupações a respeito do futuro da profissão.

Com as entrevistas, confirmou-se a hipótese que tínhamos antes de iniciar a investigação: no Espírito Santo, em concordância com a realidade nacional, encontramos um cenário de diminuição progressiva dos postos de trabalho nas redações, um enxugamento cada vez maior das equipes como consequência dos impactos econômicos da crise do jornalismo e da crise estrutural do capital.

Os sinais da crise são reconhecidos e apontados pelos entrevistados, mas não são nomeados. Os indícios das dificuldades e da precarização do trabalhador são apresentados como oportunidade de aprendizado, necessidade de uma postura versátil e multifuncional, mudanças inevitáveis e indicadores de futuro.

Para os gestores, as possibilidades e caminhos para inserção, recolocação e permanência no mercado capixaba não estão no jornalismo tradicional, feito nas redações. Sugerem a assessoria de imprensa, o marketing, as redes sociais e a comunicação corporativa institucional como alternativas para os trabalhadores que não desejam se afastar do campo da comunicação.

Durante as entrevistas, identificamos informações que conectam a realidade do mercado de trabalho para jornalistas no Espírito Santo com as reconfigurações e mudanças na divisão do trabalho no capitalismo contemporâneo, que têm sido, como posto por Huws (2017, p.260), “altamente dinâmicas - um processo contínuo, ainda que desigual, de decomposição e recomposição de setores, organizações, processos de trabalho e qualificações, impulsionado pelo imperativo de maximizar a extração de valor de qualquer unidade dada de trabalho”.

Como notado por Souza (2017, p.137), há uma evidente reorientação da empresa jornalística, bem como da gestão do trabalho, substituindo formas mais rígidas de linha de montagem por uma lógica flexível que reorganiza o trabalho e as rotinas produtivas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As questões abordadas neste trabalho apresentam o mercado de trabalho para jornalistas como um território de disputas e contradições; disputas, pois coloca o trabalhador numa posição de constante competição tanto com colegas jornalistas quanto com outros profissionais por quem é o mais capacitado, atualizado e adaptado à nova configuração da profissão; contradições, pois afasta o jornalista do fazer e da ética originais da profissão, gerando um processo de reificação e estranhamento.

Nos últimos anos, identificamos nos grandes conglomerados do estado inúmeros ‘passaralhos’, o fechamento de veículos, o fim dos jornais impressos e a integração das redações, visando o aproveitamento do trabalho dos jornalistas em diversos veículos simultaneamente. Outra tendência que parece ser inevitável é a demanda por competências socioemocionais para além de habilidades ligadas à atividade principal da profissão. Proatividade, multidisciplinaridade e versatilidade lideram as exigências do mercado, mostrando que não basta dominar a técnica, é preciso submeter a subjetividade à empresa.

O discurso neoliberal da cultura organizacional e da dedicação ganha contornos particulares no trabalho do jornalista, em que se tornou comum defender uma entrega completa

à profissão por “paixão”, não como um trabalho assalariado. Esse discurso aparece nas entrevistas e pode atingir o trabalhador de forma ainda mais cruel no contexto de um mercado extremamente competitivo como o capixaba, com cada vez menos oportunidades nos moldes tradicionais da função.

Vale destacar que, com as reflexões apresentadas, não esperamos que a práxis do jornalista seja imutável e não acompanhe as evoluções da sociedade e do mercado, mas acreditamos que há diferença entre atualizar-se em processos e tecnologias e alterar completamente a ontologia do jornalismo, seu papel primordial como forma social de conhecimento.

Apesar de ser colocada pelo capital como um processo inevitável, a movimentação do jornalista para se adaptar às dinâmicas introduzidas pela nova morfologia do trabalho e atuar em espaços não-jornalísticos não deve ser entendida somente como uma evolução natural do mercado. Como aponta Druck (2013, p. 56), tratar todas as mudanças como uma “fatalidade econômica” não somente ignora a totalidade da crise estrutural quanto também corrobora para perpetuar ideias neoliberais e a dinâmica de exploração do capital.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, R. **O caracol e sua concha**. São Paulo: Boitempo, 2005.

DRUCK, G. **A precarização social do trabalho no Brasil**: alguns indicadores. Em: ANTUNES, R. *Riqueza e Miséria do Trabalho no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2013.

GENRO FILHO, A. **O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2012.

HUWS, U. **A formação do cibertariado**: trabalho virtual em um mundo real. Campinas: Editora da Unicamp, 2017.

NETTO, J. P. **Introdução ao estudo do método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

PONTES, F. S. **Adelmo Genro Filho e a Teoria do Jornalismo**: 30 anos de O Segredo da Pirâmide. *Brazilian Journalism Research*, v. 13, n. 1, p. 154, 7 maio 2017.

SOUZA, R. B. R. DE. **O trabalho do jornalista e suas contradições**: uma ontologia da crise. *MATRIZES*, v. 11, n. 3, p. 129–149, 27 dez. 2017.